

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

NEURIZA FIGUEIRA PINHEIRO DE SOUSA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS A PARTIR DE JOGOS TEATRAIS E TEATRO DE
FORMAS ANIMADAS: TRAJETÓRIA DE UMA FORMAÇÃO PESSOAL E
ACADÊMICA.**

MANAUS

2023

NEURIZA FIGUEIRA PINHEIRO DE SOUSA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS A PARTIR DE JOGOS TEATRAIS E TEATRO DE FORMAS ANIMADAS: TRAJETÓRIA DE UMA FORMAÇÃO PESSOAL E ACADÊMICA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas - Escola Superior de Artes e Turismo, sob a orientação da Profa. Dra. Vanessa Benites Bordin e coorientadora Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti.

MANAUS

2023

Agradecimentos

Agradeço ao Abba Pai que sempre cuidou de mim, a Jesus Cristo meu melhor amigo, ao Espírito Santo que sempre me direciona nas decisões da vida e me leva a sonhar e a conquistar. Agradeço a minha família, meu esposo Adalgiso Serra de Sousa e meus filhos Luiz Alexandreh Figueira Serra e André Felipe Figueira Serra e familiares que sempre torcem e acreditam em mim. Sou feliz pelo corpo de Cristo, a igreja, pelas orações. Sou grata aos meus professores que me guiarem nesse aprendizado, aos meus amigos me apoiaram nessa nova jornada, aos meus anjos amigos que o Senhor sempre colocou no meu caminho e me acompanharam e me acompanham, são eles: Cleber Ferreira, Elizabeth Vasconcelos, Hanna Vasconcelos, Isabela Catão, Jaqueline Monteiro, Keila Santos, Mayara Cabral, Márcia Silva, Samuel Rosas, Sonia Lima, Vania Rosas e Viviane Palandi. Imensamente grata aos aprendizados, carinhos, cuidados, incentivos, aos ombros amigos, só tenho a dizer... Muito obrigada.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S725cc Sousa, Neuriza Figueira Pinheiro de
Contação de histórias a partir de jogos teatrais e teatro de
formas animadas : trajetória de uma formação pessoal e
acadêmica / Neuriza Figueira Pinheiro de Sousa. Manaus
: [s.n], 2023.
26 f. : ; 29 cm.

Graduação em Teatro - Licenciatura - Universidade do
Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

Inclui bibliografia

Orientador: Bordin, Vanessa Benites

Coorientador: Pozzetti, Gislaine Regina

□1. Contação de Histórias. 2. Estágio Supervisionado.
3. Jogos Teatrais. 4. Teatro de Formas Animadas. I.
Bordin, Vanessa Benites (Orient.). II. Pozzetti, Gislaine
Regina (Coorient.). III. Universidade do Estado do
Amazonas. IV. Contação de histórias a partir de jogos
teatrais e teatro de formas animadas



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001

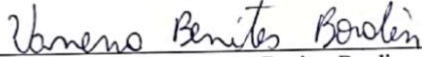
TERMO DE APROVAÇÃO

NEURIZA FIGUEIRA PINHEIRO DE SOUSA

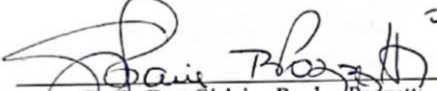
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS A PARTIR DE JOGOS TEATRAIS E TEATRO DE FORMA ANIMADAS: RECURSOS METODOLÓGICOS EM SALA DE AULA



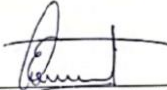
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado, com nota 9,5 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura pelo curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pela seguinte banca examinadora:



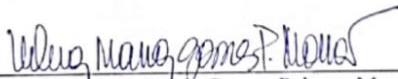
Prof. Dra. Vanessa Benites Bordin
(Orientadora)



Prof. Dra. Gislaine Regina Pozzetti
(Membro Titular)



Prof. Dra. Eneida Almeida dos Santos
(Membro Titular)



Prof. Dra. Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão
(Membro Titular)

Manaus, 31 de março de 2023



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de Janeiro
Ed. Professor Samuel Barckheim
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS A PARTIR DE JOGOS TEATRAIS E TEATRO DE FORMAS ANIMADAS: TRAJETÓRIA DE UMA FORMAÇÃO PESSOAL E ACADÊMICA.

Neuriza Figueira Pinheiro de Sousa¹

Vanessa Benites Bordin²

Gislaine Regina Pozzetti³

RESUMO

O presente artigo utiliza-se da autoetnografia como metodologia para o desenvolvimento de um relato da experiência dos estágios supervisionados, do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, realizado com estudantes do Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e no projeto de extensão “Contando e cantando histórias com as formas animadas nas comunidades”, partindo inicialmente de minhas memórias em contação de histórias, aprendizado gerado por transgeracionalidade (processos transmitidos de geração em geração) recebida de meus avós, e cursos livres de teatro e por fim, a graduação. Tem por objetivo compartilhar as múltiplas metodologias para o desenvolvimento da contação de história, dos jogos teatrais e do teatro de formas animadas, desenvolvidas nos processos em questão. Por meio dessa experiência foi possível compreender como as metodologias (contação de história, Pedagogia Griot e pesquisa-ação) estão imbricadas aos saberes tradicionais e as aprendizagens empíricas, possibilitando o enriquecimento no processo de ensino aprendizagem dos estudantes durante as aulas de teatro.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Estágio Supervisionado; Jogos Teatrais; Teatro de Formas Animadas.

ABSTRACT

This article is an account of the experience of supervised internships, of the Degree in Theater course, at the State University of Amazonas, carried out with students from Elementary School, Elementary School II, High School and in the extension project “Telling and singing stories with the animated forms in the communities”, initially starting from my memories in storytelling, free theater courses and finally, graduation. It aims to share the multiple methodologies and contextualization in storytelling, theatrical games and theater of animated forms, developed in the processes in question. Through this experience, it was possible to understand how the methodologies are intertwined with traditional knowledge and empirical learning, enabling enrichment in the teaching-learning process of students during theater classes.

Keywords: Storytelling, Theatrical Games, Puppet Theater, Supervised Internship.

1 Neuriza Figueira Pinheiro de Sousa, atriz, contadora de histórias, discente do curso de teatro: licenciatura na Universidade do Estado do Amazonas: e-mail: nfp.tea19@uea.edu.br

2 Professora doutora adjunta do Curso de Teatro da UEA. vbordin@uea.edu.br

3 Professora doutora adjunta do Curso de Teatro da UEA. gpozzetti@uea.edu.br

INTRODUÇÃO

O artigo em questão nasce das memórias, do conto e reconto de histórias que a menina Neuriza ouviu de seus avós, de sua mãe, e suas experiências vividas na igreja, na Instituição Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro⁴, estágios e projetos de extensão na Universidade do Estado do Amazonas. Histórias que levamos para a sala de aula, estimulando as crianças, adolescentes e jovens a apreciarem a leitura, a oralidade, o imaginário, a dramaticidade e expressividade, a comunicação, a socialização, encorajando-as a enfrentarem os contratempos e lidar com os sentimentos diante os caminhos que a vida proporciona.

Aplica-se os seguimentos da autoetnografia⁵ como potencializador de vivências e experiências nesta escrita, sendo uma pesquisa qualitativa. Essas memórias compõem meu trajeto de vida e de formação docente, da infância: as histórias que ouvi (uma transgeracionalidade, momentos vividos ao longo da história com familiares); da adolescência: as histórias que arrisquei contar de forma empírica; da fase adulta: as aprendizagens com artistas contadores de histórias e; da graduação em teatro, o encontro com as metodologias e a descoberta de que teoria e prática caminham juntas, que nunca sabemos o suficiente, assim, aprender é um movimento contínuo da vida, que após a graduação vai se intensificar na formação continuada.

E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU...

Em uma cidade pequena chamada Óbidos no estado do Pará, onde as ruas eram de areia e a pesca o principal meio de sustento dos moradores, em dia de missa ou festa todos se reuniam na praça da matriz, onde dias após dias mulheres e crianças iam para o rio chamado ‘Laguinho’ lavar roupas, tomar banho e levar latas d’água na cabeça para casa. Quando chegava a noitinha as crianças se divertiam brincando de roda, enquanto os adultos conversavam contando ‘causos’ em frente das casas. Foi exatamente nesse lugar que uma menina chamada Neuriza Figueira Pinheiro nasceu, filha de Lair Figueira Pinheiro, neta de Marieta Figueira Pinheiro e de Euclides

⁴ Uma das primeiras instituições públicas de artes da região Norte e pertence ao Governo do Estado do Amazonas, sob administração da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Atua desde 1998, disseminando arte, cultura e fomentando cadeia artística na capital e interior. Muitos universitários da UEA-ESAT são provenientes do Liceu.

⁵ “Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p. 2018)

Cantuário, todos já falecidos. A casa feita de barro, com o chão de terra batido, coberta de palha pelo avô e tios não tinha divisórias, mas era bem aconchegante e bonita.

A menina Neuriza em tudo que fazia trazia consigo as referências de seus avós e de sua mãe, isso lhe dava força e lhe fazia bem, eram suas raízes. E o pai da menina? Você pode estar pensando que faltou o nome dele! Não. Porque sua mãe foi seu pai⁶, e tinha em seu avô a figura paterna. Ela tem muitas lembranças de quando era pequena, uma delas é que foi alfabetizada pela sua avó por meio da metodologia que aprendeu na universidade da vida, aliás era PHD em sabedoria, mesmo com pouca instrução, e quando seus avós reuniam a vizinhança, acendiam uma fogueira no quintal e contavam histórias do Boto Cor-de-rosa, Matinta Pereira, Curupira, e das viagens de seu avô quando ia junto com outros vizinhos pescar, caçar, e as vezes passavam um mês fora, mas quando voltavam traziam muitas coisas para casa, pois tudo que pescavam ou caçavam trocavam por mercadoria para o consumo de suas famílias, eram muitas histórias.

Figura 1 - Foto da vó Marieta Figueira e vó Euclides Cantuário.



Fonte: Acervo pessoal.

Essas histórias foram contadas pela avó da menina Neuriza de quando sua mãe ainda era jovem. A família de Neuriza era de classe média baixa, mas eram felizes com o que tinham.

⁶ Giddens (2005, p. 158) Sociologia. Trad. Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

A maioria das pessoas não deseja ser pai ou mãe solteiros, mas há uma minoria crescente que faz esta escolha – criar um ou mais filhos sem o auxílio de um cônjuge ou companheiro. Mães solteiras por escolha é uma boa descrição para alguns tipos de mães solteiras, normalmente as que possuem recursos suficientes para manter de forma satisfatória um lar monoparental. Para a grande maioria das mães solteiras ou não casadas, porém, a realidade é diferente: há uma grande correlação entre a taxa de nascimentos ocorridos fora do casamento e os indicadores de pobreza e privação social.

Sua avó era lavadeira, costureira, passava uma roupa como ninguém, fazia questão de deixar bem engomada, pois era assim que seus clientes do quartel gostavam. Dos retalhos que sobravam de suas clientes fazia roupas para os filhos e netos. Enquanto sua avó Marieta cuidava da casa e de tudo o mais que era preciso, sua filha Lair, mãe de Neuriza, varria o quintal todos os dias, dava comida para as galinhas, cuidava dos porquinhos, que não eram muitos - apenas quatro - molhava as plantas, e quando acabava seus afazeres ia brincar um pouquinho, sua diversão era tirar o bucho das cuias para depois lavar e virar vasilha para colocar farinha, feijão e o que tivesse. Também gostava de catar ossinhos secos de galinha, aqueles bem sequinhos e velhos e os transformava em bonequinhos, nem precisava de enfeites, bastava a imaginação para que a diversão acontecesse, pois o dinheiro era curto e não sobrava para comprar brinquedos.

Figura 2: Ossinhos de frango, brinquedos de mamãe



Foto: Acervo pessoal (2023)

Os anos passaram, quase toda família veio para Manaus atrás de oportunidades para melhorar a vida, não foi muito fácil, cidade grande, tudo mudou. A família era grande, era preciso que todos trabalhassem para ajudar nas despesas, seu avô que era pescador começou a trabalhar de vigia, sua mãe de empregada doméstica, seus tios de estivadores e sua avó continuou lavando, passando e costurando. Moravam de aluguel e tudo se tornou mais difícil, mas em nenhum momento desistiram de lutar por uma vida melhor. Por volta do ano de 1976, a menina Neuriza sofreu um grave acidente, foi atropelada por um carro ao tentar atravessar a rua para ir à drogaria comprar um remédio para ajudar uma senhora que morava ao lado de sua casa, mas ao tentar ajudar não havia avisado sua mãe, pois de certo ela não iria deixá-la ir devido

o perigo de atravessar a rua. Sua mãe foi avisada do acidente, Neuriza foi levada para o hospital Santa Casa de Misericórdia, e mesmo acidentada não parava de falar, e lembra de ouvir o médico dizer à sua mãe que precisaria ser operada imediatamente, senão iria morrer, o que a mãe respondeu “ela está em suas mãos doutor”. E naquele dia Neuriza renasceu, ganhou uma nova chance de viver.

Figura 3: A menina Neuriza em frente de casa de Óbidos- PA, na segunda imagem, com sua mãe Lair.



Foto: Acervo pessoal (2023)

Com o passar do tempo Neuriza Figueira Pinheiro constituiu família, casando-se com Adalgiso Serra de Sousa, passando a ter o sobrenome de seu marido agora Neuriza Figueira Pinheiro de Sousa, e dessa união tiveram dois filhos Luiz Alexandreh Figueira Serra agora com 30 anos e André Felipe Figueira Serra de 29 anos que atualmente mora em Fortaleza-CE, tem uma linda cachorra chamada Morgana que está com 8 anos.

Figura 4: Neuriza e sua família.



Foto acervo pessoal (2012)

CAMINHO QUE ME LEVOU A ARTE TEATRAL

Quando eu era criança, meus avós contavam diferentes narrativas que incluíam histórias, lendas e contos Amazônicos, como a lenda da Cobra Grande, do Boto Cor-de-Rosa - entre outras - que nos levavam a refletir sobre o contexto cultural em que vivemos. Na beira do fogão, lavando ou passando roupa, minha avó Marieta sempre encontrava um jeitinho de boas histórias contar, com essa lembrança até posso sentir o cheirinho do café fresquinho, o gosto do mingau de arroz com bastante castanha ralada, que saudades! Enquanto isso, o vô Euclides tecia a malhadeira e fumava seu ‘porronca’ (era assim que ele chamava o cigarro feito de tabaco), consigo lembrar de tudo nos mínimos detalhes⁷, parece até que estou vendo-o sentado, fumando e contando suas histórias. Como diz Benjamin (1987, p. 201) “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” Assim, falar em contação de histórias é falar da minha história, pois ela faz parte da minha vida, foi uma das formas de saberes compartilhados por meus avós.

A minha paixão pela contação de história aumentou ainda mais quando acompanhava os programas infantis da TV Cultura como “Os Contadores de Histórias” (em que os apresentadores utilizavam objetos para contar as histórias), “Senta que lá vem a História”, e ainda hoje assisto o “Quintal da Cultura”, onde vários contadores de histórias se apresentam, com isso vou ganhando mais experiência e atualizando meu repertório, assim como a forma de contar histórias. E foi também pela TV Cultura que tive o privilégio de assistir meu primeiro espetáculo teatral “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues, até então não entendia muito sobre o que estava sendo apresentado, mas fiquei impressionada pela maneira com que a história ia acontecendo e o desenvolvimento das cenas a partir dos personagens com figurinos estilizados em um cenário marcante, tudo parecia tão verdadeiro para mim, e naquele momento me vi no lugar de uma das atrizes, já havia feito teatro na escola, mas olhando esse espetáculo algo me tocou profundamente, eu também queria fazer aquilo.

⁷ Walter Benjamin (1987), "o Narrador" por exemplo.

Benjamin, aborda a relação entre ouvinte e narrador, ressalta a memória como a mais épica de todas as faculdades e a importância dessa relação - entre ouvinte e narrador, que ele qualifica como ingênua, na conservação do que foi narrado. Creio que essa ingenuidade apontada, bem assim a conservação, estão intimamente vinculadas a uma preservação maior da confiança, da confiança no que é ouvido, sem a necessidade de uma comprovação, de uma legitimação outra, que não a própria palavra do narrador e a sua contribuição como depositário de um saber, saber que ele compartilha com o ouvinte, através da narrativa.

Pelo meu trabalho na igreja próximo das crianças, que funcionava aos sábados, recebi o convite para contar histórias bíblicas para crianças, à medida que aconteciam os encontros ganhava experiência e percebia que não queria unicamente abrir um livro e ler algo para elas, mas queria que elas participassem e interagissem com as histórias contadas, a partir desse momento (apesar de pouca interação com a tecnologia de mídias) iniciei uma busca por recursos que me auxiliassem nesse trabalho e o fizessem mais atraente, tanto na maneira de contar e apresentar, tornando-se assim mais dinâmicas e me aproximando da linguagem das crianças.

Figura 5: Materiais didáticos utilizados



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Por falta de recursos financeiros para adquirir materiais lúdicos (que aliás, são caros) comecei a trabalhar com materiais recicláveis, e através das pesquisas encontrei muitas ideias que me ajudaram a fazer esses trabalhos manuais. Foi aí que comecei a utilizar garrafas pets, guarda-chuva, vassouras e meias velhas para a confecção de fantoches, produzindo palitoches e dedoches⁸ também, transformando esses objetos em novas coisas, estimulando a imaginação dos espectadores.

⁸ Palitoches são fantoches só que feitos com palitos, que podem ser diversos, como de picolé ou churrasco e dedoches são pequenos fantoches feitos para serem utilizados nos dedos da mão do ator-manipulador.

Figura 6: EBF (Escola bíblica de férias e Espetáculo Missionário)



Foto: Acervo pessoal (2017)

Os resultados foram muito além de minhas expectativas, as crianças vinham para os nossos encontros com entusiasmo para ouvir as histórias. Após iniciar com este trabalho na igreja comecei a procurar um lugar em Manaus onde pudesse ampliar meus conhecimentos, foi então que uma amiga me enviou uma foto do Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro com a data de inscrição para vários cursos, imediatamente verifiquei se havia vaga para o curso de teatro e para minha alegria havia, então fiz minha inscrição, e consegui a vaga, isso aconteceu no ano de 2015.

A experiência na Instituição Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro me deu oportunidade de participar de dois espetáculos logo no início, sendo eles: “Quem Roubou meu Futuro”, de Silvia Ortof e “Inventário de Tortura” escrito pela professora Lorena Márcia Duarte⁹, inclusive, foi ela quem me incentivou a fazer o vestibular para cursar Licenciatura em Teatro, me dizia que eu tinha um grande potencial e não podia desperdiçar. À medida que o tempo passava mais aprendia sobre o fazer teatral, conhecendo as especificidades dessa arte tão antiga e que resiste até os dias de hoje, principalmente por ser a arte do encontro, do ‘aqui e agora’, que proporciona um evento único e efêmero.

Dentro do Liceu também participei do curso de Contação de História com o professor Elias Monteiro¹⁰, que nos trouxe várias técnicas de como trabalhar a contação de histórias,

⁹ Lorena Duarte é técnica em Artes Cênicas com ênfase em teledramaturgia, graduada em História, atuou como instrutora de Teatro no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro.

¹⁰ Ator de teatro, cinema e televisão e diretor teatral. Atualmente é supervisor cultural de teatro pela Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural e atua no núcleo de teatro do Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro.

utilizando objetos em cena que pudessem contribuir na maneira de como contar, a partir do uso correto de nosso aparato vocal, com entonações, sons, pausas, enfim, várias técnicas para deixarmos nossas narrativas mais potentes e interessantes para os interlocutores, o que contribuiu muito na minha busca enquanto contadora de histórias.

Figura 7 - Contação através do Linceu.



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Em 2018 motivada pelo incentivo da professora Lorena Márcia - como anteriormente já citei - prestei o vestibular para licenciatura em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas, fiz a prova teórica, confesso, que sem grandes expectativas, pois estava há vinte e três anos longe de uma sala de aula, muita coisa tinha mudado em relação ao conteúdo do vestibular. Marinheira de primeira viagem, não tinha atentado que no edital falava em uma prova prática específica para o teatro, fiquei sabendo em uma conversa com uma colega¹¹ que já fazia parte do curso de teatro, que me perguntou qual o texto eu tinha escolhido e falei que não tinha escolhido nenhum, pois não sabia, então ela me deu as devidas orientações, assim busquei o texto e me preparei para fazer a prova prática, o nervoso bateu junto ao medo de não conseguir.

No dia quatro de dezembro de 2018 recebi a notícia de que havia passado no vestibular, seria uma das novas ingressantes no curso de licenciatura em Teatro da UEA-ESAT, foi um misto de choro, alegria, euforia, gritos. O sonho de entrar na universidade que estava há muito tempo guardado e agora iria se realizar. Minha mãe, meu marido e meus filhos ficaram muito felizes, pois em tudo sempre torceram por mim. Em 2019 adentrei para a Universidade do Estado do Amazonas e comecei essa jornada acadêmica de licencianda em Teatro, onde um

¹¹ Nath Diniz, Artista - educadora, graduada em Licenciatura em Teatro, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT. Produtora e contribuidora de serviços sociais.

mundo de possibilidades teórico-práticas me foram apresentadas e mudaram muitas perspectivas enquanto artista-educadora.

A escolha em iniciar falando em terceira pessoa e depois em primeira pessoa é uma maneira que esta contadora de histórias percorre neste artigo discorrendo sobre os caminhos e veredas por ela desbravados. As narrativas trazidas a partir de suas vivências dentro da arte da cena em sua trajetória na arte da contação de história. A escrita é difícil para esta contadora de história, tendo habilidade com a arte do contar, narrar, cantar, mas se vê em um grande conflito com a arte da escrita, o braço parece pesar chego a compará-lo com uma tromba de elefante, pois se torna pesado e muitas vezes desengonçado, não conseguindo pegar a caneta ou mesmo digitar o teclado, neste momento contei com o auxílio de outros que se aliaram a mim na concretização desse ensejo.

Nunca aprendi a bordar ou costurar, às vezes dou um ponto aqui outro acolá, pregando um botão ou mesmo dobrando a barra de um calção, usando a criatividade, a imaginação, vejo a contação de histórias como a costura de uma grande colcha de retalhos, onde o entrelaçamento dos fios começa a serem tecidos, os pontos se encontram e a cada ponto aumenta um ponto e se constrói um conto. Uma arte contada teatralizada cheia de encantos, desencantos e ao mesmo tempo enriquecida de conhecimentos com suas tradições, culturas múltiplas, tanto para quem conta e ouve, sendo criança, jovem ou adulto. Leituras, interpretações, dramatizações, criar, recriar, imaginar, socializar, compartilhar em relação a escola e a vida é um aprender a aprender, como nos diz Jean Piaget: "O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas antes de tudo, é aprender a aprender; é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola" (1977, p. 225). Deste modo, me coloco no lugar de uma eterna aprendiz, e as histórias que conto e que ouço ampliam minha visão de mundo.

APRENDENDO A CONTAR HISTÓRIAS COM JOGOS TEATRAIS E AS FORMAS ANIMADAS

O lúdico traz a percepção e o descobrimento do sujeito via som, tato, paladar, olfato e visão, moldando o modo como algo será apresentado e, portanto, experienciado. A preocupação de repensar o aprendizado na educação infantil, ressaltando o valor da ludicidade, é um modo de explorar e dialogar com o sujeito e universo criança, que não é diferente do universo adulto, porém, é vivido e visto de maneira diferente por estes. (ALTEMAR, 2016, p. 60)

Através da imaginação as crianças aprendem, é brincando e entrando em um personagem que elas adquirem novas experiências e aos poucos vão ampliando seu mundo de conhecimento. O professor se torna um mediador quando proporciona dinâmicas que estimulem a autonomia para seus alunos e facilita a aquisição de novos saberes. Como diz na BNCC (2017, p. 40 a 43), criar e contar histórias oralmente com imagens e outros materiais desenvolve importantes habilidades na infância, como por exemplo:

- **O eu, o outro e o nós**

Noção do eu e do outro, estímulo para a criança se reconhecer como indivíduo em sua subjetividade e identidade. Proporciona também o respeito ao próximo, se aprende sobre as diferenças culturais, construção de laços afetivos.

- **Corpo, gestos e movimentos**

Ajuda a desenvolver a expressão corporal, noção de espaço e equilíbrio.

“Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.” (BNCC, 2017, p 41).

Por meio das linguagens das artes e brincadeiras as crianças aprendem a conhecer sensação e função do corpo, os movimentos, gestos, conhecerem seus limites.

- **Traços, sons, cores e formas**

Contribui para a identificação das coisas no mundo em que vive, como objetos, cores e suas funções, identificação de variados sons, explora a sua sensibilidade e percepção.

- **Escuta, fala, pensamento e imaginação**

As crianças desde o nascimento possuem um aspecto inato no processo de sua aprendizagem, o bebê emite o som de seus choros para cada uma de suas necessidades truques esses que se aprimoram ao passo que se apropriam da fala, na comunicação e vão ganhando experiência até conseguirem se comunicar com o adulto, embora em sua imaginação elas já o façam por meios de seus próprios significados.

- **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**

Ao confrontar-se com sua própria vida, neste exercício de compreensão da obra, o espectador reflete sobre aspectos de sua história e os enfrenta com a narrativa com a qual se depara, chocando os ovos da própria experiência e fazendo deles nascer o pensamento crítico; pensando reflexivamente acerca da narrativa, interpretando-a, e também acerca de sua história, do seu passado, revendo atitudes e comportamentos, estando em condições favoráveis para, quem sabe, efetivar transformações em seu presente, e levando-se em conta a perspectiva de um processo continuado de exercício de sua autonomia crítica e criativa, assumindo-se

enquanto sujeito da própria história, tornando se capaz de (re) desenhar um projeto para o futuro (DESGRANGES, 2011 p. 07).

CONTANDO E (RE) CONTANDO HISTÓRIAS NO ESTÁGIO

Durante meu processo de licencianda, pude passar por três escolas que me marcaram e contribuíram para meu amadurecimento foi a passagem pelo estagio supervisionado que podemos utilizar teoria junto a prática para que possamos nos preparar para a docência para que possamos seguir à docência, além disso é o primeiro contato que temos com os estudantes de estar em sala de aula compartilhando o que aprendemos no decorrer da nossa jornada acadêmica. O primeiro Estágio no Ensino Fundamental I, que tem um segmento das escolas inovadoras, com a visão do uso da tecnologia como auxílio para a aprendizagem, contribuindo na formação do raciocínio, com processos de inovação de ensino. Vemos que as escolas inovadoras funcionam de uma forma que abre espaço de fala ao aluno. Depois, atuei nessa mesma escola dentro do projeto de extensão “Contando e cantando histórias com as formas animadas na comunidade”, sobre o qual irei falar posteriormente.

O segundo Estágio, no fundamental II, foi com turmas de 8º a 9º ano, lá pude ajudar a professora Amanda Mota que é artista, produtora e professora na cidade de Manaus, formada em licenciatura em teatro pela UEA-ESAT e mestranda no programa PROFARTES. Compartilhei com ela o meu projeto de contação de história que eu levava para as comunidades, sempre conduzido com questões sociais, em específico temas como: pertencimento, valorização da própria origem, valorização da cultura local e demais temas relacionados a estes e ela gostou muito porque dialogava com o trabalho de mestrado que estava fazendo.

Nessa regência eu trabalhei com aulas de expressão corporal e jogos teatrais com o objetivo de desenvolver o equilíbrio corporal, noção de espaço, limitações do corpo e ação e reação.

Nesse sentido, o ensino de teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas. (LUZ, 2014, p.25 apud REVERBEL, 1997, p. 25)

Nos jogos teatrais foram trabalhados jogos de comando, desenvolvendo as habilidades de raciocínio rápido e visão periférica (aquela visão do canto do olho que permite a visualização

do que está ao redor), meu objetivo era possibilitar que os estudantes sentissem mais confiança para estar em cena.

No decorrer do processo percebi situações que são a realidade dentro das escolas periféricas de Manaus pós-pandemia, o que é nítido nos estudantes é a falta de interesse e motivação, percebo ainda a falta de senso crítico, a primeira impressão é que eles vão para a escola sem um objetivo, mas ao refletir sobre o que temos passado como humanidade em conjunto em pandemia, e ao analisar o contexto em que eles vivem associados também ao sistema de ensino que pouco contribui para que o aprendizado seja mais eficiente.

Podemos compreender que é uma espécie de fuga da sua própria realidade, estão sem perspectivas, vemos a preguiça de pensar e o maior amigo deles é o celular, entram, sentam e pegam o celular e está tudo bem. Utilizam o celular mesmo a professora dando aula, isso é uma problemática, mas ao se pesquisar sobre tecnologia em sala de aula podemos ver estes aparelhos como uma potência para o ensino, quando são bem utilizados dentro da sala de aula, sabemos que a escola da vida é o que vivenciamos a cada dia na prática, aprendemos com nossos erros e acertos, precisamos falar, mas também precisamos ouvir, observar e estar disposto a aprender sempre.

A partir destas reflexões, eu me pergunto, qual o papel da escola na vida dos adolescentes? Uma das funções da escola é auxiliar os jovens no processo de autoconhecimento, de reconhecimento das suas emoções, na resolução de problemas e no autocontrole, vejo que a escola tem uma função importante na socialização, já que ocupa grande parte do tempo na vida de um estudante.

No estágio Supervisionado III, com turmas do Ensino Médio, com a professora Francenilza Viana de Souza Silva, licenciada em teatro pela UEA-ESAT, mestre em sociedade e cultura pela UFAM, professora da rede estadual de educação - Seduc, e ministrou por 7 anos cedida a Universidade do Estado do Amazonas as disciplinas metodologia do ensino do teatro I, II e III, que aprendi a fazer os planos de aula, deixá-los didáticos e sistematizados, observei e vivenciei na prática que é possível trabalhar com adolescentes a contação de história, levei também atividades de jogos teatrais, improvisação, expressão corporal e mais leitura dramatizada com poesias, pude contemplar com as atividades que realizei o interesse dos alunos. No início alguns não queriam participar das atividades, mas após ver o processo dos colegas tiveram grande interesse em envolver-se. As atividades de improvisação e jogos teatrais, como mote para a contação de histórias, são muito proveitosas pois trabalham a espontaneidade e podem ser realizadas por qualquer pessoa, por isso facilitam a interação e despertam o interesse dos envolvidos.

Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender e encenar no palco. Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações. Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo desejar se envolver, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. (SPOLIN, 2010, p.4).

O processo das atividades se dividiram em três etapas, primeiramente apresentou-se o projeto para os alunos de como seria realizado a atividade com eles, com uma aula expositiva falando sobre o que era contação de história, leitura dramatizada, e a importância dela e a utilização da interpretação para narrar os fatos. Após isto, cada aluno levou textos e desenhos criados por eles baseados em suas vivências.

Figura 8 - Atividade para casa - Textos e desenhos



Fonte: acervo pessoal.

Em seguida demos início as atividades de leitura e fomos ajustando algumas falhas de projeção, expressão vocal e corporal, para que a leitura ficasse mais fluida, visto que para muitos dos alunos era um novo conhecimento adquirido.

Figura 9 - Momento de criação de histórias



Fonte: acervo pessoal (2022).

Na terceira etapa foi pedido para que os alunos levassem um objeto que tivesse valor para eles e a partir daí compartilhassem com os demais colegas sobre o porquê da escolha, esta atividade em específico tinha o objetivo de levar os alunos a se conhecerem e que gerasse um senso de pertencimento sobre suas origens enxergando sua essência, e também gerar um olhar sensível de empatia ao próximo.

Figura 10 - objetos pessoais



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Neste último estágio tive a oportunidade de exercer meu ofício dentro da sala de aula, visto que atualmente temos muitos professores que lecionam a matéria de artes sem ter formação em algumas das linguagens específicas (arte plástica, música, dança, teatro).

Figura 11 - Analisando as atividades dos alunos



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Essa experiência fez com que eu me enxergasse realmente como uma professora de teatro, com formação específica e vivência dentro dessa linguagem, e isto é gratificante, pois lecionar algo que não se tem conhecimento é frustrante, tanto para o professor quanto para o aluno, já que se torna massacrante para ambos, um tendo que fingir que ensina e o outro fingir que aprende, ensinar aquilo que temos como conhecimento possibilita e torna a aula mais sólida, dinâmica, com conteúdo mais aprofundados.

A RELEVÂNCIA DE TRABALHAR A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA

A contação de história não é simplesmente uma contação qualquer, ela contribui para formação de leitores, desperta o interesse da criança, do jovem ou mesmo o adulto pela leitura. Isso se dá pelo fato de que a contação está ligado a um texto e para saber o que está escrito em um livro de histórias por exemplo é necessário passar pela leitura, e a contação traz o olhar para os livros, deixando de forma implícita uma mensagem em que há um mundo ou informações interessantes, divertidas e significativas para se descobrir através da leitura, ou seja, leva-o a ter a curiosidade em explorar livros. “O hábito de ler é fundamental para o desenvolvimento cognitivo das crianças e deve ser estimulado desde tenra idade. E esse é outro benefício que a contação de histórias promove, o de despertar a paixão dos estudantes pela leitura.” (Site:

Editora Opet - A importância da contação de histórias e da leitura na educação). Além disso, não apenas colabora para a leitura, mas perpassa em identidade, origem, costumes, cultura e através da oralidade nada se perde, em muitas culturas ainda é uma das formas de saberes mais valorizadas.

Falando sobre a nossa ancestralidade, cultura e tradição, referenciamos a figura do Griot, que para Braz (2009, p.03) é a denominação dada aos contadores de histórias da África, esses são considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas contações passam de geração a geração a tradição de seus povos. Essa ação faz lembrar o que minha avó fazia conosco (netos e demais pessoas) em rodas, fazendo com que se mantivesse viva as tradições e que houvesse um pensamento crítico diante das diferentes situações.

O diálogo entre a prática dos jogos teatrais e o faz de conta com a espontaneidade da contação de história, faz com que a criança seja motivada a trabalhar a sua criatividade, a ludicidade, o imaginário, e com isso haverá uma troca de experiência entre o educador(a) e a criança em sala de aula. Essa troca de experiência possibilita a criança a partir da oralidade trazer sua ancestralidade, suas origens e se sentir pertencente, e é mais que uma breve história, as contações nos apontam caminhos, abrem um mundo de significados, fortalecendo nossos vínculos humanos, artísticos, sociais, educativos, culturais e afetivos. A prática da contação de história sendo trabalhada com o teatro de formas animadas possibilita liberdade de expressão, criação, autonomia e convivência, gerando um grande aprendizado, interação, desenvolvimento, fortalecendo assim os vínculos sociais educativos e afetivos.

Acreditamos que a criança possa realizar sua alfabetização em linguagens artísticas, adquirindo conhecimento sensível, através do contato com a narrativa fantasiosa própria dos contos de fadas, e que possa reencarná-la, “exercitando” sua subjetividade e sua corporeidade, através do jogo lúdico proporcionado pelo teatro. [Aspas do autor] (LUZ, 2014, p.21 apud SOUZA, 2008, p. 10 – 11)

CANTANDO E CONTANDO HISTÓRIAS COM AS FORMAS ANIMADAS NA COMUNIDADE

Aqui vou falar um pouco de minha experiência enquanto bolsista do projeto de extensão do curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo da UEA ‘Contando e cantando histórias com as formas animadas na comunidade’ coordenado pela professora doutora Vanessa Benites Bordin. Bordin (2020) nos fala que o projeto tem o intuito de tornar fluido o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do curso de Teatro da UEA, bem como sua prática

cênica. Assim, essa vivência acontece como uma troca entre universidade e comunidade na construção de saberes e práticas poéticas.

Além de considerar as práticas cênicas desenvolvidas no contexto da comunidade, nos propomos a refletir sobre sua realidade, ou seja, contemplar as experiências acumuladas pelos diferentes sujeitos, bem como as possíveis contribuições que as artes da cena podem oferecer ao ampliar as percepções estéticas e sensíveis.

Acredita-se que a relevância do projeto se dá por ampliar as questões acerca dos processos de ensino-aprendizagem e de criação artística nas artes da cena com crianças e jovens, valorizando sua identidade cultural, a partir de improvisações com experimentos corporais e vocais, tendo as formas animadas como princípio criativo e educacional, contribuindo com os professores de teatro em formação, capacitando-os para o trabalho com essa linguagem.

Dessa forma, refletimos sobre possíveis caminhos para o ensino das artes da cena e a criação artística nessa área, pensando na vitalização da arte de contar histórias e do teatro de formas animadas, fortalecendo e renovando essas linguagens que se relacionam diretamente com o público, no momento presente, no aqui e agora, possibilitando a abertura de espaços reflexivos e criativos.

Neste trabalho, a contação de histórias nos ajuda a estabelecer relações com as crianças e jovens. Através da memória ativamos histórias dos antepassados e histórias pessoais que nos permitem criar experiências sensíveis nesses espaços de encontros poéticos. As máscaras, os bonecos, os objetos e os instrumentos musicais improvisados a partir da contação de histórias nos possibilitam um processo de experimentação poética e aprendizado através do lúdico, onde as particularidades dos sujeitos da comunidade são evidências, permitindo liberdade criativa, que proporciona novas possibilidades expressivas no campo das artes cênicas. Antes o projeto se chamava ‘Contadores de histórias: o teatro de formas animadas na comunidade’ e acontece desde 2014:

Com os ‘Contadores de histórias: o teatro de formas animadas na comunidade’ atuamos com crianças e jovens experimentando a contação de histórias enquanto performance, que é tecida por práticas como a improvisação e o teatro de formas animadas, tendo como temática a especificidade cultural de cada comunidade no contexto amazônico, buscando contribuir naquilo que desejam manifestar. (BORDIN, 2020, p. 9)

Minha experiência no projeto se deu especificamente na Escola Municipal Professora Maria das Graças A. Vasconcelos, como parte da proposta de Escola Humanizada, um projeto maior coordenado pela professora mestra Carolina Cecília, também do curso de teatro da UEA,

levando diferentes projetos da universidade para dentro da escola. Assim, a contação de histórias entrou e estou trabalhando com as crianças de idade entre cinco e nove anos, é um aprendizado mútuo, a partir das histórias contadas elas fazem o reconto, à medida que entendem, e vão criando outras histórias, fazem desenhos escolhendo de acordo com os personagens e explorando as possibilidades de uso das cores. Trabalho a contação de histórias com eles utilizando a música, os sons da natureza, e fazemos instrumentos como: chocalho de garrafas pets valorizando a preservação do meio ambiente, ressignificando os objetos que podem se transformar em adereços diversos e personagens, além dos instrumentos musicais. Outra coisa que sempre acontece é o momento da escuta sensível, em que os alunos ficam em círculo, e dizem como eles se sentiram após as atividades, cada um fala e percebe-se tamanha alegria, a sinceridade em seus olhinhos, nos seus sorrisos, isso não tem preço.

A cada dia tenho buscado maneiras diversas, dinâmicas, e principalmente que encante, pois como contadora de histórias quero gerar mais conexão entre mim e o expectador, a ludicidade, a alegria para todos que estiverem ouvindo.

Quando a aula finaliza as cortinas se fecham, a sala que é o palco fica vazia, mas no dia seguinte todos voltam e o espetáculo continua e essa contadora que vos fala tem que estar preparada, pois a plateia é exigente, as histórias terão que ser bem contadas.

Eu sou Neuriza menina, mulher, esposa. Mãe, amiga, artista, que brinca. Que chora, que sorri. Que sofre, mas que se alegra. Com gestos singelos e sinceros. Que luta, medita, caminha, ora. Que sonha, imagina, intempestiva, muitas vezes compra a briga de todos rsrs. Mesmo que se machuque depois. Acredito sempre na verdade. Acredito no amor. Acredito que possamos viver um mundo, sem medo, sem fome, sem preconceito. Acredito no mundo onde todos. Tenham oportunidades. Acredito no mundo onde a Arte faça todo sentido. Pois o Deus que nos criou e foi e é o primeiro artista. (NEURIZA, Figueira. 2023).

Aqui me despeço, nada de tristeza ou de choro, estarei e contando e cantando em outros pontos dessa tão grande e bela cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decidi falar sobre minha trajetória de vida (aprendizado da contação de história e se mediadora para com crianças e adolescentes, em minha trajetória na: família, igreja, Liceu, Universidade) até minha passagem acadêmica, pois minha formação como contadora de história não começa na academia e sim quando ouvia histórias de meus avós, uma transgeracionalidade em que se trata de um legado herdado, e isso me atravessa de forma tão

profunda que enraizou em mim repercutindo na minha vida até os dias atuais, por isso, conduzo este trabalho como uma pesquisa autoetnográfica. Quando faço uma contação é como se eu fosse um reflexo do meu avô e avó, e de fato sou uma extensão deles, pois eles começaram a contar histórias de forma natural sem ser com uma grande plateia, e sou o legado deles, levando isso para outros lugares, compartilhando com outras pessoas. A contação faz parte da minha vida, mas indo além de meus avós pude aprender mais sobre essa arte em seu campo científico.

Através da minha experiência em sala de aula utilizando a contação de história como metodologia pude me aproximar mais dos estudantes, ver suas realidades, suas dificuldades no aprendizado, tanto na questão da escrita e leitura e principalmente suas expectativas para o futuro. Meus objetivos em sala de aula através da contação de história, é motivar os alunos a leitura, oralidade, escrita, a convivência com a sociedade, vemos que há muitas coisas que a contação pode proporcionar, e principalmente pretendo fazer mediação ao aprendizado, uma das características da contação é a autoconhecimento: de onde veio, quem é ele, qual suas origens.

Segundo Benjamin (1987), a narrativa é uma forma de resistência, pois foi atingida por certo desvalor que lhe atribui o capital.

“Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (BENJAMIN, 1987, p. 198)

Diante de tais problemáticas meu posicionamento como arte-educadora foi estabelecer um diálogo através da contação de histórias, onde eu me colocava como um personagem, servindo de exemplo aos alunos, para que eles não desistissem dos seus sonhos e pudessem ter a ambição e ousadia de conquistar espaços na sociedade, não desistindo dos estudos e não se tornassem coadjuvantes e sim protagonistas de suas vidas.

Referências

ALTEMAR, Larissa. **A linguagem teatral e a cultura da infância**. Organização do Dossiê Ricardo Carvalho de Figueiredo, p. 59-66, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

BORDIN, Vanessa Benites. **Contando histórias, revelando tradições: encontros com os indígenas no Amazonas**. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2020. Tese (Doutorado em Artes).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

- BRAZ, Júlio Emílio. **Griot – Histórias que ouvimos na África**. Projeto pedagógico. Cia. Melhoramentos de São Paulo – SP, 2009.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GIDDENS (2005, p. 158) **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- LUZ, Aline. **A Contação de Histórias e a Utilização de Jogos Teatrais na Sala de Aula: Possibilidades para o Trabalho do Unidocente**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS Faculdade de Teatro – Licenciatura, 2014.
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- SANTOS, Silvio M. A., O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural, revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.24. 1, 2017, p.214-241.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais para a Sala de Aula**. Um Manual para o Professor. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- Site: Editora Opet - **A importância da contação de histórias e da leitura na educação**. Acesso em 25 de março de 2023.
- VERAS, Julia S. A. S., Rastros cênicos: **um percurso autoetnográfico sobre mulheres encenadoras**. Ouro Preto, 2020. 100 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC) - Universidade Federal de Ouro Preto.